

**A IDENTIDADE DISCURSIVA SOBRE O SENTIDO DO TRABALHO NA MÚSICA  
DA BANDA LEGIÃO URBANA**

Rosângela Rocio Jarros Rodrigues

**Introdução**

A identidade é um movimento na história, portanto ela se transforma, não havendo identidades fixas. É ilusório considerar-se a identidade como imóvel, embora essa ilusão, paradoxalmente, faça parte do imaginário que garante o envolvimento dos sujeitos na construção da identidade. Neste estudo abordamos a identidade discursiva segundo a perspectiva teórica e metodológica da Análise de Discurso de linha francesa.

Segundo Orlandi (1998, p. 232), a identidade discursiva se refere “a posições que se constituem em processos de memória afetados pelo inconsciente e pela ideologia”. A autora afirma que identificamo-nos

com certas idéias, com certos assuntos, com certas afirmações porque temos a sensação de que elas “batem” com algo que temos em nós. Ora, este algo é o que chamamos de interdiscurso, o saber discursivo, a memória dos sentidos que foram se constituindo em nossa relação com a linguagem. Assim nos filiamos a redes de sentidos, nos identificamos com processos de significação e nos constituímos como posições de sujeitos relativas às formações discursivas, em face das quais os sentidos fazem sentido. (p. 206)

A identificação se manifesta pelo fato de o discurso fazer sentido em nós na medida em que já estejamos filiados a uma rede interdiscursiva que se mantém pela repetição histórica, que inscreve o dizer como memória constitutiva, que faz a língua significar para o sujeito que, assim, também se significa. É nesse domínio da repetição histórica que o sujeito faz aquele sentido fazer sentido em “seu” discurso, em sua memória. A este processo de identidade discursiva chamamos de identidade de posicionamento.

O posicionamento é uma das categorias basilares da Análise do Discurso (doravante denominada de AD) de linha francesa que trata da instauração e da conservação da identidade

discursiva. O posicionamento corresponde aos valores defendidos, de modo consciente ou inconscientemente, que caracterizam a identidade social e ideológica.

A identidade de posicionamento caracteriza “a posição que o sujeito ocupa em um campo discursivo em relação aos sistemas de valor que aí circulam, não de forma absoluta, mas em função dos discursos que ele mesmo produz”, propõem Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 267). Igualmente, o campo discursivo está ligado à comunidade discursiva.

Um campo de atividade social é constituído por comunidades discursivas que têm campo e espaço discursivos específicos. Para Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 108), “os modos de organização dos homens e de seus discursos são indissociáveis das instituições que as fazem emergirem e que as mantêm”. A título de exemplo, o campo discursivo do “trabalho” pode corresponder à comunidade discursiva acadêmica especificamente a que trata do espaço discursivo da Psicologia do Trabalho.

As comunidades discursivas podem ser classificadas por estarem baseadas na economia; na produção de valores e crenças ideológicas; pela circulação de textos em diferentes veículos midiáticos e pela natureza das atividades técnicas e científicas. A multiplicidade dos tipos de comunidades pressupõe a pluralidade de modos de pensamento ou filiações discursivas.

Para AD a formação ideológica é constitutiva do pensar, que orienta e determina o dizer, o que pode e deve ser dito, ou seja, a formação discursiva. Para Foucault (2004, p.136), o discurso é um conjunto de enunciados que pertencem a uma mesma formação discursiva, isto é, “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa”.

A formação discursiva (doravante denominada de FD) atende a regras de formação, concebidas como mecanismos de controle que determinam o interno (o que pertence) e o externo (o que não pertence) a ela. Entre duas ou mais FD há um espaço de circulação que é onde reside o sentido. Todo processo discursivo se inscreve numa relação dialógica de classe e essas relações são contraditórias. Os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes pela

FD que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes, afirma Pêcheux (1997).

O sujeito discursivo, como membro de determinada comunidade, é interpelado a se posicionar. Existem três tipos de posicionamentos, consoante Charadeau e Maingueneau (2004), que correspondem aos de

- (1) colocar-se em uma posição enunciativa de *neutralidade* quanto à opinião que exprime, “posição que o levará a apagar, em seu modo de argumentação, qualquer traço de julgamento e de avaliação pessoal, seja para explicitar as causas de um fato, seja para demonstrar uma tese; (2) colocar-se em uma posição de *engajamento*, “o que conduzirá o sujeito, contrariamente ao caso precedente, a optar (de maneira mais ou menos consciente) por uma tomada de posição na escolha dos argumentos ou na escolha das palavras, ou por uma modalização avaliativa associada a seu discurso”, o que produzirá um discurso de *convicção* destinado a ser partilhado pelo interlocutor; (3) colocar-se numa posição de *distanciamento* que o levará a tomar a atitude fria do especialista que analisa sem paixão, como faria um *expert*. (p. 143)

A interpelação se dá pela identificação do sujeito com a FD que o domina e, nesse caso, o tipo de posicionamento mais esperado é de engajamento. É pela incorporação e reprodução dos saberes que circulam no interdiscurso que o sujeito vai produzir a imagem de engajamento, de unidade. Os posicionamentos de neutralidade e distanciamento abrem um espaço para a diferença, para a contradição, que indicará divergências de posições do sujeito no interior de uma mesma FD. Os posicionamentos remetem a projeção do *ethos* pelo enunciador.

O *ethos* é relativo à personagem, “designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre o alocutário”, destacam Charadeau e Maingueneau (2004, p. 220). De acordo com Amossy (2005), todo ato de tomar a palavra evoca a construção de uma imagem de si. A maneira de dizer é tão importante como o que é dito e induz a uma imagem que pode facilitar a boa realização do projeto do dizer. É por meio do estilo, das competências linguísticas, das crenças que se constrói a imagem do enunciador; isto é, pela maneira de se exprimir.

Segundo Maingueneau (2005b) o *ethos* não é dito explicitamente, mas mostrado:

O que o orador pretende ser, ele o dá a entender a mostra: não *diz* que é simples ou honesto, *mostra-o* por sua maneira de se exprimir. O *ethos* está, dessa maneira, vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo “real”, (apreendido) independentemente de seu desempenho oratório: é, portanto o sujeito da enunciação uma vez que enuncia que está em jogo aqui. (p. 31)

A manifestação do *ethos* é apreendida como uma voz; quem fala imprime o tom ao enunciado. O tom se relaciona tanto ao escrito quanto ao falado, e se apóia em uma dupla figura do enunciador, aquela de um caráter e de uma corporalidade. Para Maingueneau (2001), o caráter corresponde aos traços psicológicos e a corporalidade à compleição física representados em graus de precisão variados segundo os textos. Tanto um quanto o outro vem das representações sociais coletivas sobre as quais se apóiam as enunciações, compondo estes estereótipos culturais com apreciação valorativa.

O tom torna possível a vocalidade que, segundo Maingueneau (2005b, p. 73), “constitui a dimensão que faz parte da identidade de um posicionamento discursivo. (...) as idéias se apresentam por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, à participação imaginária em um vivido”. O esforço do enunciador está em persuadir o enunciatário a identificar-se com o que está sendo proposto por ele. No texto escrito, o tom dá autoridade ao que é dito e faz com que o enunciatário construa a representação do corpo e do caráter do enunciador. “A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de *fiador* do que é dito”, considera Maingueneau (2001, p. 98).

O enunciador é recoberto pela figura do fiador, aquele que convence o enunciatário, mediante a sua fala, de que o que ele propõe é compatível com a identidade construída por meio do enunciado. É pelo enunciado que o enunciador torna-se fiador, logo, legítima e é legitimado pela sua maneira de dizer. Na modalidade da língua escrita, o enunciador não está encarnado, ressalta Maingueneau (2005a), nesse caso o enunciatário deverá ser levado à elaboração imaginária da figura do fiador por meio de indícios textuais.

O enunciado mobiliza a memória coletiva, por conseguinte, leva o enunciatário a entrar imaginariamente na cena enunciada e este processo se dá pela “incorporação”. A incorporação conforme Maingueneau (2005a) designa a integração entre uma FD e seu *ethos*, mediada pela enunciação. Assim,

1. O discurso, através do corpo textual, faz o enunciador encarnar-se, dá-lhe corpo;
2. Esse fenômeno funda a “incorporação” pelos sujeitos de esquemas que definem uma forma concreta, socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com o outro;
3. Essa dupla “incorporação” assegura, ela própria, a “incorporação imaginária” dos destinatários no corpo dos adeptos do discurso. (p. 98)

A incorporação é um processo realizado por meio das FDs que “conquistam a adesão dos sujeitos legitimando, atestando o que é dito na própria enunciação, o que permite que esses sujeitos se identifiquem com uma certa determinação do corpo”, propõe Brunelli (2006, p. 199). Nesta perspectiva, a noção de incorporação traduz, por meio da identificação, o grau de adesão do enunciatário.

O outro fator denominado “antecipação” trata da capacidade que o sujeito tem de antever como o interlocutor irá reagir frente a suas palavras: como seu cúmplice ou, no outro extremo, como adversário absoluto. Pêcheux (1997) considera que essa habilidade de imaginar e prever em tempo hábil o que o ouvinte espera, traduz-se em apoio e adesão. Esse fator se apresenta ao sujeito nas duas modalidades da língua, oral e escrita. Na modalidade escrita, o enunciador consegue planejar sua fala conforme pressupõe, imaginariamente, a reação do enunciatário porque há tempo para isto. Todavia, nesta modalidade, o enunciador não presencia o momento da leitura do “documento” e as reações reais do enunciatário.

O fator de antecipação regula o processo de argumentação visando os efeitos que se deseja criar sobre o enunciatário, seja feitos de distanciamento ou de aproximação, de confronto ou de aliança, de adversidade ou de cumplicidade.

### **Objetivos**

Identificar por meio de análises linguísticas e discursivas a identidade de posicionamento do sujeito-enunciador inscrito na letra de Música de Trabalho, a partir de uma perspectiva crítica, compreender os efeitos de sentidos produzidos sobre o trabalho ao longo do processo social, histórico e cultural.

### **Método**

O método da pesquisa é qualitativo e o foco das análises está nos significados que os seres humanos atribuem as suas ações, relações e compreensão dos sentidos produzidos considerando o contexto social, histórico e cultural. Conforme Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa pressupõe a existência da interdependência entre sujeito-ser humano e o objeto como

parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (p. 79)

Este estudo faz parte da pesquisa intitulada “efeitos de sentido acerca do trabalho em diferentes gêneros discursivos” desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina, na área de Psicologia do Trabalho. Por meio de análises linguísticas e discursivas de diferentes gêneros discursivos, como a letra de música, busca-se contribuir para a ampliação da visão da Psicologia do Trabalho sobre o funcionamento da produção dos sentidos e sua manifestação na linguagem.

Como já dito anteriormente, a perspectiva teórica e metodológica adotada é da Análise do Discurso de linha francesa que tem por objeto, consoante Rodríguez (1998, p.47), “explicar como os sentidos são produzidos na/pela materialidade da língua”. Compreendendo que, “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (...) mas, ao contrário, é determinado pelas posições colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”, afirma Pêcheux (1997, p.160).

O texto é visto como algo que vai além de sua estruturação interna, é um objeto de comunicação entre um enunciador e um enunciatário, onde os sentidos os constituem discursivamente. Procedimentos metodológicos empregados foram: a) delimitação do *corpus* de análise por meio do levantamento e da classificação do gênero discursivo letra de música pertinente ao objetivo da pesquisa; b) coleta, seleção e caracterização do *corpus* conforme a

tipologia discursiva e descrição das condições de produção; e) análise do *corpus* identificando as formações discursivas e ideológicas existentes acerca do trabalho no gênero discursivo selecionado que revelam a identidade de posicionamento do enunciador.

O *corpus* é a letra da Música de Trabalho da banda Legião Urbana ligada ao gênero musical do *rock* brasileiro, contida no álbum “A Tempestade” ou o “Livro dos Dias” lançado em 20 de setembro de 1996. É o sétimo álbum da banda brasileira que escolheu o *rock* de temática urbana e cotidiana. A letra foi escrita por Dado Villa-Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá. A banda Legião Urbana surgiu em Brasília e esteve ativa no período entre 1982 e 1996. O fim do grupo foi marcado pelo falecimento do líder e vocalista Renato Russo, em 1996.

Para a coleta de dados na perspectiva da AD, conforme Orlandi (1989, p.32), não existe a possibilidade de “exaustividade horizontal”, mas tem como alvo a “exaustividade vertical”, em profundidade. Por isso, a delimitação do *corpus* não atende ao critério de maior número de textos possíveis, mas pode constituir a letra de uma música, como é o caso deste estudo.

### **Resultados e Discussão**

A seguir apresentamos a transcrição da letra da Música de Trabalho que constitui o *corpus* analisado:

| LINHA | LETRA DA MÚSICA DE TRABALHO               |
|-------|---|
| 01    | sem trabalho eu não sou nada              |
| 02    | não tenho dignidade                       |
| 03    | não sinto o meu valor                     |
| 04    | não tenho identidade                      |
| 05    | mas o que eu tenho                        |
| 06    | é só um emprego                           |
| 07    | e um salário miserável                    |
| 08    | eu tenho o meu ofício                     |
| 09    | que me cansa de verdade                   |
| 10    | tem gente que não tem nada                |
| 11    | e outros que tem mais do que precisam     |
| 12    | tem gente que não quer saber de trabalhar |
| 13    | mas quando chega o fim do dia             |
| 14    | eu só penso em descansar                  |
| 15    | e voltar para casa pros teus braços       |
| 16    | quem sabe esquecer um pouco               |
| 17    | de todo o meu cansaço                     |
| 18    | nossa vida não é boa                      |
| 19    | e nem podemos reclamar                    |
| 20    | sei que existe injustiça                  |
| 21    | eu sei o que acontece                     |
| 22    | se você não segue as ordens               |
| 23    | se você não obedece                       |
| 24    | e não suporta o sofrimento                |
| 25    | está destinado a miséria                  |
| 26    | mas isso eu não aceito                    |
| 27    | eu sei o que acontece                     |
| 28    | e quando chega o fim do dia               |
| 29    | eu só penso em descansar                  |
| 30    | e voltar para casa pros teus braços       |
| 31    | quem sabe esquecer um pouco               |
| 32    | do pouco que não temos                    |
| 33    | quem saber esquecer um pouco              |
| 34    | de tudo que não sabemos                   |

Em 1996 ano que o enunciado é divulgado está em vigência no Brasil o modelo neoliberal que propõe o enxugamento do papel do Estado, a venda das empresas estatais e o incentivo ao empreendedorismo entre outras ações, dessa forma, fortalecendo e enaltecendo o papel pró-ativo dos cidadãos na busca por trabalho. Morin (2001, p.8) afirma que “o trabalho representa um valor importante nas sociedades ocidentais contemporâneas”. O enunciador busca uma antecipação junto ao enunciatário criando o efeito de aproximação e inicialmente estabelece a centralidade do trabalho na vida humana ao enunciar na linha 01 “sem trabalho eu não sou nada”.

Segundo Tolfo e Piccinini (2007) a centralidade do trabalho é entendida como o grau de importância que o trabalho tem na vida de uma pessoa em um determinado momento, assim

é formada por um constructo complexo composto por um componente valorativo - centralidade absoluta do trabalho -, que mensura o valor atribuído a este dentro da vida dos sujeitos (Qual a importância do valor do trabalho na sua vida?) e identifica em que medida o trabalho é central para a auto-imagem. O outro componente é a centralidade relativa do trabalho, influenciada pelos ciclos vitais do sujeito, e que mede a relação do trabalho com outros momentos importantes na sua vida. (p.3)

A argumentação prossegue no sentido de afirmar que é pelo trabalho, que o ser humano obtém dignidade, valor e identidade, conforme as linhas 2 a 4 (“não tenho dignidade”, “não sinto o meu valor”, “não tenho identidade”). O trabalho seria o meio de construção da identidade (Ciampa, 1991), portanto de reconhecimento social. O enunciador parece querer convencer o enunciatário da relevância do trabalho para vida de homens e mulheres como modo de ser e expressar-se individual e socialmente. Nesse sentido, o trabalho se constituiria em fonte de satisfação, de significação e realização.

Conforme Codo (1997, p. 25) o trabalho é uma “relação de dupla transformação entre o homem e a natureza, geradora de significado”. Assim, o trabalho inclui desde as atividades executadas pela dona de casa nos seus afazeres domésticos, o aluno que planeja uma pesquisa, o avô que faz um brinquedo. Desse modo, ele não se restringe ao modelo dominante de mercadoria, de emprego e remuneração. Seria a realização do circuito homem-objeto(natureza)-significado que possibilitaria o prazer de transformar e ser transformado por

aquilo que faz. O trabalho é atividade repleta de significado e de realização do desejo do ser humano. Contudo, quando o circuito é quebrado, o resultado é sofrimento, muito sofrimento.

Na linha 05 (“mas o que eu tenho”), o enunciador emprega o operador argumentativo “mas”, contrapondo a ideia anterior e criando o efeito de sentido que indica oposição ou contraste. O enunciador se distancia e não adere a FD do trabalho como fonte de significado e satisfação e passa a desvelar ao enunciatário a essência da realidade do cotidiano do trabalho.

O enunciador convoca o enunciatário a ver mais de perto, a essência, e constrói sua identidade discursiva distanciando-se do discurso dominante de glorificação do trabalho, a aparência, inspirado em princípios econômicos capitalistas neoliberais, compondo o quadro das condições de produção da letra Música de Trabalho.

O trabalho é associado a ideia de emprego, de remuneração, à fadiga e ao sofrimento. As linhas 06 a 09 o enunciador revela o que pensa e o que sente em relação ao seu trabalho (“só um emprego”, “um salário miserável”, “eu tenho o meu ofício” e “que me cansa de verdade”). Os léxicos utilizados como emprego, miserável, ofício e cansaço são representativos do tom de conteúdo semântico e valorativo negativo. Na essência o trabalho para o enunciador traz sentidos e significados negativos.

Tolfo e Piccinini (2007) destacam que a valoração negativa se manifesta quando o trabalhador reconhece o trabalho somente como algo

obrigatório e necessário à sobrevivência e aquisições deixa de perceber esse trabalho como categoria integradora, pela qual pode criar e reconhecer-se enquanto indivíduo e ser social. O homem, alienado, torna-se apenas um produtor e consumidor de capital deixando de buscar sua identidade nas atividades que executa. Deixa, então, de atribuir significados e sentidos positivos ao seu fazer. (p.8)

No capitalismo, o ser humano é expropriado dos meios e dos instrumentos de trabalho, é obrigado a vender sua força laboral embora sendo livre, nem servo e nem escravo, assinala Braverman (1980). O enunciador trabalha se submete ao salário miserável porque tenta com isso evitar um mal maior, ou seja, a miséria, como enuncia nas linhas 25 e 26 (“está destinado

a miséria”, “mas isso eu não aceito”). Ele tem que se submeter para evitar a miséria com a qual não poderia conviver.

Também afirma que existem outros que podem fazer a escolha de querer ou não trabalhar, conforme linha 12 (“tem gente que não quer saber de trabalhar”). O trabalho é forma de evitar um sofrimento maior enquanto outros, abastados economicamente e de outra classe social podem escolher não trabalhar.

Borges e Yamamoto (2004) tratam da construção da glorificação do trabalho e afirmam que

Quem detém, portanto, os meios de produção é o capitalista. O indivíduo desprovido destes meios não tem com reproduzir a existência. Essa situação, que põe de um lado o dono do capital e de outros possuidores da força de trabalho, não é um fato natural, mas resultado de um processo histórico anterior. É esta condição ‘livre’ e desprovida dos meios de produção do trabalhador que proporciona a venda da força de trabalho como uma *mercadoria* – a *única* que o trabalhador possui. (p.29)

O enunciador instala além da imagem de si como trabalhador, a figura de dois outros personagens nas linhas 10 e 11 (“tem gente que não tem nada” e “e outros que tem mais do que precisam”), ou seja, aquele que não tem e aqueles que têm muito. O enunciador não está alienado acerca da desigualdade social sobre a distribuição de renda também corroborado nas linhas 20 e 21 (“sei que existe injustiça” e “eu sei o que acontece”).

Conforme Borges e Yamamoto (2004) afirmam na concepção marxiana, o trabalho deveria ser humanizador, porém sob o modelo econômico capitalista ocorre o contrário, na forma de mercadoria ele se torna alienante, explorador, humilhante, monótono, discriminante, embrutecedor e gerador de comportamentos que revelam a submissão. As relações sociais mais amplas revelam a produção da força de trabalho de um exército de reserva.

Nesse sentido o enunciador retrata a realidade cotidiana no trabalho nas linhas 21 a 24 (“eu sei o que acontece”, “se você não segue as ordens”, “se você não obedece”, “e não suporta o sofrimento”). Segundo Morin (2001, p.13) as valorações negativas sobre o trabalho o definem como uma atividade desagradável ou que não é agradável, “mas que deve ser realizada em um lugar específico, sob a supervisão de uma outra pessoa e (...) que comporta

exigências físicas e mentais. (...) apresentam o trabalho como uma atividade que somos obrigados a realizar para ganhar a vida”. Para o enunciador trabalhar é seguir ordens, obedecer e sofrer demonstrando que está quebrado o circuito de trabalho como meio de transformação e significado consoante Codo (1997).

Diante dessa realidade de trabalho, o enunciador projeta a cisão de espaços; um lugar é do cansaço e do sofrimento, o outro, do descanso e do afeto. Codo e Gazzotti (1999) apontam que foi pela organização taylor-fordista da produção inaugurada com a fábrica, que se deu a expulsão do afeto do trabalho. Esse evento é constatado no enunciado da Música de Trabalho onde o lar é retratado como o espaço do prazer e do afeto, nas linhas 13 a 17 (“mas quando chega o fim do dia”, “eu só penso em descansar”, “e voltar para casa pros teus braços” “quem sabe esquecer um pouco”, “de todo o meu cansaço”). Também revela o espaço do trabalho que produz tanto cansaço, fadiga e sofrimento que se deseja esquecer.

O *ethos* que o enunciador está construindo é de resignação e parece convencido, devido o processo alienante do trabalho sem sentido, que esse é o caminho conforme as linhas 18 a 20 (“nossa vida não é boa”, “e nem podemos reclamar”, “sei que existe injustiça”). Na concepção marxiana, segundo Borges e Yamamoto (2004, p.34) o trabalho deveria ser “não-alienado, digno e que garantisse a satisfação de suas necessidades, racional (com uma divisão baseada em critérios de igualdade entre os homens) e que se constituísse a principal força na vida dos indivíduos”.

Nas linhas 31 a 34 ele projeta o jogo argumentativo com o pouco e o tudo (“quem sabe esquecer um pouco”, “do pouco que não temos”, “quem saber esquecer um pouco”, “de tudo que não sabemos”). Esquecer um pouco, o pouco como advérbio, não muito e de forma insuficiente da realidade que é sempre a mesma; mas inverte o sentido “do pouco” e “de tudo”. O enunciatário poderia esperar “de tudo que não temos” e não “do pouco que não temos”, mas o enunciatário toma posição contra a sociedade de consumo, capitalista apontando que aquilo que é essencial à sobrevivência também não se consegue com o “salário miserável”, assim enuncia “do pouco que não temos”. Ainda buscando convencer o enunciatário argumenta “de tudo que não sabemos”, da alienação que a realidade cotidiana impõe aos homens e mulheres em nossa sociedade.

No mundo do trabalho, o sentido de glorificação do trabalho como uma formação discursiva toma a realidade independentemente do que foi engendrado nas relações sócio-historicamente pelos modos de produção materiais da existência. Esse discurso trata de produzir a incorporação pelo enunciatário de que o trabalho é o meio central de construção de sua identidade social. O nível da essência do trabalho é mais profundo, geralmente oculto porque guarda relações de interesses conflitantes entre dominados e dominadores, a luta de classes, conforme Rodrigues e Fernandes (2007), caracterizando outra formação discursiva de raízes na concepção marxiana. Com isso estamos adentrando o campo das relações ideológicas, que segundo Fiorin (1995, p.28) é constituído pelo “conjunto de idéias, representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens”. O autor aponta que a ideologia é elaborada a partir do nível da aparência, que oculta à essência da ordem social onde se estabelecem as relações mais profundas.

### **Conclusão**

Os resultados obtidos indicam a presença de duas formações ideológicas em confronto: uma voltada para o trabalho como fonte de dignidade e identidade social e, a outra, como meio de sobrevivência e sofrimento humano. Esses resultados evidenciam os diferentes efeitos de sentidos sobre trabalho que circulam em nossa sociedade e que está presente na letra da Música de Trabalho da banda Legião Urbana.

Os sentidos atribuídos ao trabalho por meio da música tomam parte na construção da consciência social dos enunciatários. O enunciador constrói o enunciado contrapondo a ideia da centralidade do trabalho como fonte de dignidade, valor e identidade e a descentralização, pois o trabalho que conhece é de cansaço, de desigualdade social e submissão. O tom do enunciador cria o *ethos* de fiador da verdade, de pôr em aberto a realidade cotidiana do trabalho, de romper com o aparente e mostrar o que é essencial.

O enunciado apresenta conteúdos lexicais ligados ao controle da produção, à divisão do trabalho, às ordens de comando e ao esforço físico voltados para a produção material e para o atendimento dos interesses de natureza instrumentais ancorada no modelo econômico

capitalista, representado pela burguesia, de formação ideológica de exaltação à submissão, à dedicação, à subserviência, ao silêncio, à ordem enquanto prerrogativas do bom trabalhador.

Há o jogo interdiscursivo instalado no texto. Tais enunciados, segundo o ponto de vista do enunciador, parecem suficientes para invalidar a formação discursiva da glorificação do trabalho e comprovar o ponto de vista que defende de que trabalho é emprego, cansaço e sofrimento. É dessa maneira que constrói aos olhos do enunciatário a sua verdade textual.

O enunciador faz escolha e adota o tom de denunciador mostrando seu posicionamento discursivo de engajamento. O enunciador reveste-se de força e autoridade para apontar a realidade cotidiana de trabalho de valoração negativa. Essa marca serve para expressar o estado emotivo do enunciador, que revela sua indignação com o resultado insatisfatório do trabalhar. Ainda no mesmo tom elevado de indignação, o enunciador indica a desigualdades sociais que reconhece em nossa sociedade. O enunciador quer convencer o enunciatário em relação à condição sofrível de exploração a que está submetido o trabalhador assalariado. Dessa maneira, acentua-se a força persuasiva do seu texto e reforça o *ethos* de confiabilidade que quer despertar no enunciatário.

### **Referências**

Amossy, R. (2005). O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In R. Amossy (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. (pp. 119-144). São Paulo: Contexto.

Borges, L. de O. & Yamamoto, O. H. (2004). O mundo do trabalho. In J.C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade & A.V.B. Bastos (Orgs.). *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. (pp. 24-62). Porto Alegre: Artmed.

Brandão, H. N. (1998). *Subjetividade, argumentação, polifonia*. São Paulo: Unesp.

Braverman, H. (1980). *Trabalho e capital monopolista. A degradação do trabalho no século XX* (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

Brunelli, A. F. (2006). Sobre a noção de *ethos* discursivo. *Letras & Letras*, Uberlândia, 22(2), p. 197-204.

Chizzotti, A. (2003). *Pesquisa em ciências humanas e sociais* (6a ed.). São Paulo: Cortez.

Ciampa, A. da C. (1991). Identidade. In S. T. M. Lane & W. Codo (Org.). *Psicologia social: o homem em movimento* (9a ed.). (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.

Codo, W. (1997). Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). In W. Codo (Org.). *Trabalho, organizações e cultura*. (pp.21-40). São Paulo: Autores Associados.

Codo, W. & Gazzotti, A. A. (1999). Trabalho e afetividade. In W. Codo (Coord.). *Educação: carinho e trabalho*. (pp.48-59). Petrópolis: Vozes.

Charaudeau, P. & Maingueneau, D. (2004). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.

Fiorin, J. L. (1995). *Linguagem e ideologia* (4a ed.). São Paulo: Ática.

Foucault, M. (2004). *A arqueologia do saber* (7a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Maingueneau, D. (2005a). *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar.

\_\_\_\_\_. (2005b). Ethos, cenografia, incorporação. In R. Amossy (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. (pp. 29-87). São Paulo: Contexto.

\_\_\_\_\_. (2001). *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.

Morin, E.M. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, FGV, São Paulo, 3(41), p. 8- 19.

Orlandi, E. P. (2005). *Análise do discurso: princípios e procedimentos* (6a ed.). Campinas: Pontes.

\_\_\_\_\_. (1998). Identidade lingüística escolar. In I. Signorini (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. (pp. 231-264). Campinas: Mercado de Letras.

\_\_\_\_\_. (1989). *Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo*. São Paulo: Cortez.

Pêcheux, M. (1997). *Semântica do acontecimento: uma crítica afirmação do óbvio* (3a ed.). Campinas: Unicamp.

## **Anais V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia**

*Psicologia: de onde viemos, para onde vamos?*

**Universidade Estadual de Maringá**

**ISSN 1679-558X**

---

Rodrigues, R. R. J. & Fernandes, L. C. (2007). Nem tudo que reluz é ouro: práticas discursivas do mundo do trabalho. In Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, 3. Maringá, Paraná. *Anais*. pp. 2020-8. Maringá: Universidade Estadual de Maringá.

Rodríguez, C. (1998). Sentido, interpretação e história. In E. P. Orlandi (Org.). *A leitura e os leitores*. (pp. 47-58). Campinas: Pontes.

Tolfo, S. da R. & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia e Sociedade*, spe(19), 3-12.